



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

GIANLUCA COELHO COZZA

**O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO CURTA-METRAGEM *MADRUGADA* NA
PESQUISA E NA PRÉ-PRODUÇÃO**

Pelotas/RS

2022

GIANLUCA COELHO COZZA

**O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO CURTA-METRAGEM *MADRUGADA* NA
PESQUISA E NA PRÉ-PRODUÇÃO**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas.

Orientador: Prof. Guilherme Carvalho da Rosa

Pelotas

2022

GIANLUCA COELHO COZZA

**O PROCESSO DE REALIZAÇÃO DO CURTA-METRAGEM *MADRUGADA* NA
PESQUISA E NA PRÉ-PRODUÇÃO**

Artigo científico apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Cinema e Audiovisual no Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em (data da banca por extenso).

Banca Examinadora:

Prof. Guilherme Carvalho da Rosa (orientador)

Profa. Ivonete Medianeira Pinto

Prof. Roberto Ribeiro Miranda Cotta

RESUMO

O trabalho tem como intuito **observar** o processo de realização do curta-metragem *Madrugada* (Gianluca Cozza e Leonardo da Rosa, 2022), mais especificamente no período que engloba as fases de pesquisa e pré-produção. O filme, dirigido pelo autor do trabalho, é fruto do projeto de conclusão do Curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O estudo **busca** apresentar o pensamento que guiou o processo criativo de um filme híbrido com atores não-profissionais realizado durante a formação universitária, **buscando** discorrer sobre os modos de se **realizar cinema e como as escolhas do processo afetam o produto final.**

PALAVRAS-CHAVE: **Documentário e Ficção; Atores Sociais; Rio Grande/RS; Trabalho; Realização Audiovisual.**

ABSTRACT

The work aims to observe the process of making the short film *Madrugada* (Gianluca Cozza and Leonardo da Rosa, 2022), more specifically in the period that targets the research and pre-production phases. The film, directed by the author of the work, is the result of the conclusion project of the Film and Audiovisual Course at the Federal University of Pelotas (UFPEL). The study seeks to present the thinking that guided the creative process of a hybrid film with non-professional actors made during university education, seeking to discuss the ways of making cinema and how the choices of the process affect the final product.

KEYWORDS: Documentary and Fiction; Social Actors; Rio Grande/RS; Work; Filmmaking.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Foto atual do Prédio da Fábrica Rheingantz p. 12
- Figura 2** - Protesto contra demissões Polo Naval Rio Grande p. 13
- Figura 3** - Tampas utilizadas no sorteio e sacola de tecido utilizadas pelos surfistas p. 16
- Figura 4** - Surfistas batendo nos vagões para verificar os restos de soja a serem coletados p. 17
- Figura 5** - Atividade dos Surfistas dentro do vagão p. 18
- Figura 6** - Trecho do Roteiro “Madrugada” I p. 19
- Figura 7** - Trecho de Roteiro “Madrugada” II p. 20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p. 7
1. A Arqueologia de Madrugada	p. 10
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p. 20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p. 22

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto empírico a realização do filme *Madrugada* (Gianluca Cozza, Leonardo da Rosa, 2022), projeto executado como trabalho de conclusão prático do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). O estudo intenta reunir as observações realizadas durante o período de dois anos de desenvolvimento do curta-metragem. Levando em conta as particularidades desse processo, o objetivo dessa pesquisa é a produção de um relato sobre os caminhos criativos que guiaram a pesquisa e a pré-produção do filme ficcional com utilização de atores não-profissionais e locações naturais.

O assunto do documentário situa-se no Porto de Rio Grande/RS, localizado no extremo sul do Rio Grande do Sul, partindo do cotidiano de um grupo de trabalhadores que arriscam suas vidas subindo em trens de carga para recolher os restos de soja e vendê-los. O ofício é parte de um acordo informal entre os proprietários do local onde os trens estão e os trabalhadores que se autodenominam *surfistas*¹. Essa relação, na prática, surge com a chegada do trem na estação portuária, na qual é despejada a carga de soja nos silos de armazenamento para depois ser exportada. No entanto, devido ao tipo de construção da carcaça das locomotivas, resta quase sempre um resíduo de determinada quantidade de soja. Essa porção, inevitavelmente, deverá ser retirada para a realização de uma nova remessa de grãos, para a qual os trens seguirão vazios. Os *surfistas* ficam com os grãos remanescentes da limpeza, vendendo o produto para pequenos pecuaristas da região. Os restos são utilizados, geralmente, como ração para animais.

Esse tipo de trabalho realizado pelos personagens ocorre de forma não distante de um processo histórico atrelado à formação da cidade do Rio Grande, naturalidade do autor do trabalho. O município possui uma história ligada ao trabalho operário, em contexto fabril e portuário. Nesse sentido, tal compreensão sobre esses espaços de trabalho é um fator determinante da construção narrativa. O desejo do projeto *Madrugada* foi produzir uma crônica, enquanto curta-metragem, sobre certo tipo do interior do Brasil contemporâneo, como periferia do capitalismo, levando em conta motivações locais provenientes de uma genealogia desse espaço e seu cruzamento com uma história recente do país². O processo

¹ A denominação é utilizada, a partir de agora, para referência ao ofício que é documentado no filme.

² O contexto de criação de um polo naval e o abandono dos investimentos na indústria local após o golpe contra a ex-presidente Dilma Rousseff.

histórico da cidade é frequentemente interpelado por “ondas” de desenvolvimento dentro da conjuntura brasileira que, nem sempre, resultam em aprendizados e sedimentos sociais duradouros.

O presente estudo busca analisar como foi o processo de criação coletiva do produto audiovisual, especialmente pesquisa e pré-produção, com pessoas denominadas atores não-profissionais que não fazem parte do “mundo do cinema”, não são atores profissionais e nem muito menos têm uma proximidade de *habitus* (BOURDIEU, 2011) com a arte do cinema, porém construíram um desejo de ficcionalização das suas próprias histórias. Tal dispositivo, já é presente na trajetória de realização do autor, com outros filmes como *Um Lugar ao Sul* (2018) e *Construção* (2020) que também trazem à tela atores sociais que não costumam ter um *habitus* compartilhado com a arte do cinema, à exemplo de uma “tradição” do documentário brasileiro na produção desse encontro, de Eduardo Coutinho até Affonso Uchôa ou Adirley Queirós. A narrativa foi uma construção coletiva a partir da síntese de diversas histórias que os personagens relataram no processo de pesquisa do projeto. De tal forma, conseguimos escrever o roteiro com situações que envolvem o processo da memória, da fidelidade do relato e do sonho, como “filmes de história encontrada, cujo argumento depende da realidade, do mundo, da própria vida” (KRACAUER, 1960 *apud* PENAFRIA, 2005 p. 190).

Informalmente, os *surfistas* trabalham durante a noite sem nenhum vínculo empregatício, sendo responsáveis solidários pela periculosidade do ofício. Dentro da narrativa, Daniel, 24 anos, divide o espaço de trabalho com seus colegas Soninho, Tando, Bigode, Alemão e Leco. Na madrugada, eles praticam técnicas de segurança e de proteção entre si. Daniel nota o desaparecimento de Soninho e anda pela noite procurando seu parceiro de trabalho. *Madrugada* transpõe em filme essas noites de trabalho sem fim em que corpos desaparecem, engolidos pela paisagem industrial do porto de Rio Grande e pela crise econômica brasileira.

O trabalho busca reunir o processo inicial de criação de um filme universitário de baixo orçamento que utilizou procedimentos diversos, dentre eles a chamada realização *pós-industrial*, na qual

coletivos que estão constantemente inventando formas de desierarquizar a produção, seja pelo embaralhamento das equipes, seja na relação mesmo que estabelecem com atores e personagens [...] um processo de construção em que o projeto é composto de intenções, encontros, performances, compartilhamentos — e não de roteiro e realização, como prevê a lógica industrial (MIGLIORIN, 2011).

No curso de Cinema e Audiovisual da UFPEL, outros projetos realizados, assim como a presente proposta, contam com reflexões sobre a prática escritas no Trabalho de Conclusão de Curso Teórico (TCCT's)³. Filmes como *Deus* (Vinicius Silva, 2017) e *Sesmaria* (Gabriela Lamas, 2016) tiveram suas experiências relatadas pelos próprios autores dos TCCT's. De maneira próxima a esses, pretendo *dispositivar* o pensamento sobre o que se fez durante o período de pré-produção da realização do filme “Madrugada”. Tal adjetivação ocorre no sentido de mapear, após a realização do filme, em forma de relato, todas as proposições que fizeram parte do projeto do filme. Em sentido foucaultiano, nas palavras do filósofo italiano Giorgio Agamben, dispositivo é, literalmente “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos viventes” (2009, p. 40). Na prática, tal “coisa” deslinda-se sobre uma relação de poder baseada em uma relação de saber. O dispositivo, em *Madrugada*, propõe que essa forma de controle seja em boa parte compartilhada com os atores sociais do filme, ainda que esse lugar apresente os vacilos e riscos que são inerentes à produção de alteridades.

A pesquisa apresenta, a seguir, a revisão empírica dos processos de realização da pré-produção e estes são relatados à medida do necessário no trabalho, com o objetivo de observá-los como escombros de uma “areia hostil”⁴, sempre presente, e abrir o espectro de sentidos que essas imagens e sons podem suscitar, especialmente do ponto de vista poético do autor.

Para tanto, passamos pela etapa de arqueologia dos espaços em que se passa *Madrugada*. A cidade portuária de Rio Grande, local onde nasceu o pesquisador e que se tornou parte essencial do filme analisado, situa-se no interior do Rio Grande do Sul. Sua formação histórica faz parte da instalação de grandes indústrias de charque, tecelagem e pesca que seriam escoados pelo Porto, como observam os pesquisadores Solismar Martins e Margareth Pimenta (2004, p. 85). Sua população é, em grande parte, formada por gerações de operárias e operários que trabalham nesses grandes parques industriais. A ausência de uma elite menos sofisticada e rica, sem propensão ao cultivo de um imaginário acerca da cidade, ocasionou numa pretensa “falta de subjetividade” implicando em um estado de espírito

³ No curso da UFPEL existem dois trabalhos de conclusão de curso: um prático que consiste na realização de um produto audiovisual, geralmente coletivo, e um teórico que versa sobre um tema à escolha do estudante, em formato de artigo científico.

⁴ Trata-se de uma metáfora, cujas palavras são oriundas do Hino da Cidade do Rio Grande/RS: “Sobre a *areia*, *sempre hostil* à semente, ao fruto, à flor tu, num ingente labor, mais louros dando ao Brasil”. A alusão da letra encontra eco na história da cidade, de colonização inicialmente portuguesa, construída no século XVIII em uma região litorânea onde a areia e a força do vento sempre se fizeram presentes.

limitado aos esforços do trabalho, como pontua Beatriz Loner (2001). O gesto de colocar esses trabalhadores como agentes criativos do processo, dentro do projeto de *Madrugada*, busca, de certa forma, ir de encontro a tal quadro geral e histórico e, mesmo fazendo parte de uma atualidade, procura lançar luzes para tal história e procurar nela os indícios de tais operários, imaginados, que sempre estiveram presentes com suas subjetividades, desejos e forças simbólicas.

Por fim, observamos o filme enquanto processo de pesquisa e pré-produção, percebendo as escolhas estéticas e como isso resultou e dialogou poeticamente no projeto. Os princípios de realização de *Madrugada* levam em conta o “processo” como transformador do resultado fílmico. Ou seja, a realização do filme sempre estaria aberta para as “intempéries” do mundo concreto. O objetivo era produzir uma alteridade com os atores, estabelecendo laços afetivos por tempo indeterminado até chegarmos na maturidade ideal para a realização do filme. Partindo da reencenação das histórias que os atores gostariam de narrar, fomos levados a diversos encontros com os mesmos, convivendo no seu dia-a-dia, conhecendo seus contos e suas poéticas até o filme ganhar forma.

1. A Arqueologia de Madrugada

O desejo do filme partiu de, através do cinema, investigar a cidade natal do autor, prática pouco recorrente em cidades do interior do Brasil devido ao acesso escasso aos meios de produção, que estão dispostos nas cidades capitais do país. Tais instrumentos foram disponibilizados durante a graduação no curso de Cinema e Audiovisual pela UFPEL. A realização do projeto foi fruto dessas iniciativas, fomentando a descentralização da produção cinematográfica no interior do Rio Grande do Sul. Além do apoio da Universidade, o filme foi realizado com recursos próprios do realizador e de outras pessoas que foram adquiridos, em conjunto, durante a graduação.

No início de 2019, o autor do trabalho comunicou ao grupo de TCC sobre a vontade de realizar um filme sobre o Porto de Rio Grande, buscando histórias que representassem aquele espaço de maneira observativa e criasse um documento sobre a classe trabalhadora que ali exerce determinadas funções que fazem parte de um universo do transporte marítimo e seus diversos modais que atravessam a arqueologia desse espaço, uma cidade que possui formação predominantemente operária.

Por ser portuária, a cidade atribui suas atividades econômicas para a exportação de produtos, desde seus primórdios com as estâncias de gado, produto da exportação do couro e charque “que empregavam pouca mão-de-obra”, conforme pontuam Solismar Martins e Margareth Pimenta (2004, pg. 88). O desenvolvimento da cidade e suas “ressacas”, como podemos chamar os períodos de escassez, passam pelo que é nomeado como ciclos de desenvolvimento econômico. Com grandes estabelecimentos industriais, “se voltava para atender a demanda do mercado nacional, sofrendo por tanto, a competição dos demais pólos produtores do país.” (LONER, 2001, pg. 53). O constante movimento pavimentou a história da cidade, deixando uma economia baseada em pouca diversificação, dependência quase exclusiva de grandes investimentos e parques industriais que empregaram grande parte da população. A falência dessas empresas implicou um agravante social derivado de diversas ondas de desemprego e de oscilações da economia indireta que essas iniciativas traziam consigo.

Com o começo da industrialização, sobretudo com a abertura do complexo industrial têxtil Companhia União Fabril *Rheingantz* em 1874, a cidade foi tomando características de centro urbano, com sua população crescendo e criando raízes, com a criação de vilas operárias e um planejamento urbano inspirado em cidades europeias. Tal ocupação urbana expandiu-se rapidamente pelo território da cidade que teve, inclusive, a necessidade de ampliação de áreas mediante aterramento. Um salto populacional se deu com a demanda de trabalho originada desses ciclos produtivos do início do século XX. Como em outras partes da região, à exemplo da cidade de Pelotas/RS, imigrantes europeus chegaram à cidade para ocupar postos de trabalho somando-se a outras ondas migratórias anteriores e origens diversas, em grande parte em condições de pobreza e miséria. Como observa Francisco de Oliveira,

o início da segunda metade do século XX representou a desaceleração do primeiro período industrial da cidade do Rio Grande, com o término das atividades produtivas em várias grandes empresas, como as indústrias têxteis, os frigoríficos, a fábrica de charutos e outras. Tais fatos desencadearam uma crise local e uma diminuição na oferta de trabalho, o que, conseqüentemente, afetou toda a vida do município. (1961, p.64)

Esse e outros episódios fazem parte da história da cidade com as oportunidades de trabalho e deixaram um legado humano e geracional de trabalhadores que se relacionam com esse espaço urbano através das narrativas providas por ciclos de grandes empreendimentos. Desta forma há um posicionamento dos trabalhadores em configurarem como operários ao vender sua força de trabalho para essas cadeias produtivas. A Companhia União Fabril

Rheingantz, ilustrada em foto atual na Figura 1, é um grande exemplo desse processo e foi responsável pela dinâmica social de diversas gerações de trabalhadores que experimentaram “políticas” providas pela própria corporação relacionadas com a moradia, alimentação, lazer e educação. Também, muitas e muitos trabalhadores foram expostos à rotinas de trabalho braçal e à falta de segurança nas condições de trabalho.



Figura 1 - Foto atual do Prédio da Fábrica Rheingantz

Fonte: Thiago Soler

O mais recente dos ciclos industriais ocorreu próximo ao período da pesquisa de *Madrugada* com a construção do Pólo Naval, na segunda década do século XXI, demandando mão de obra de diversos lugares, do leste asiático até o nordeste brasileiro. A ideia inicial do filme partiu justamente de um dos pós-efeitos desse ciclo: investigar o crescente desemprego na região e a informalidade que ali se criava devido à crise político-econômica. Como pontua Renée Pereira,

na época, o cenário de investimento crescente da Petrobras prometia encomendas, pelo menos, para os próximos 20 anos. [...] No auge das construções, em 2013, o Polo empregava 24 mil trabalhadores. [...] Dos 24 mil trabalhadores de 2013, restaram

cerca de 9 mil, afirma o presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas de Rio Grande, Benito de Oliveira Gonçalves. (PEREIRA, 2015)

No ano de 2016, demissões em massa faziam parte do cotidiano da cidade que sentia social e economicamente a tragédia da interrupção de investimentos no chamado Pólo Naval de Rio Grande, iniciativa do Governo Federal de nacionalização da construção de cascos de plataformas de exploração de petróleo, no período de 2009 a 2015. Tal declínio econômico foi decorrente do fechamento de empresas com suspeitas de corrupção, pela operação Lava-Jato, desencadeada pelo ex-juiz Sérgio Moro. Não houve, por parte da operação judicial, a opção por formas de investigação e condenação de crimes de corrupção que salvaguardassem as atividades econômicas e toda a infraestrutura criada para a produção de cascos de plataforma de petróleo em funcionamento no município. Um familiar do autor da pesquisa representa um dos casos de desemprego e informalidade vivenciado por milhares de trabalhadores em Rio Grande. Ao perder seu emprego formal, conseguiu uma vaga temporária justamente em um galpão que recolhia soja desperdiçada e a revendia.



Figura 2 - Protesto contra demissões Polo Naval Rio Grande

Fonte: Guga Volks

No Porto de Rio Grande há a atuação de diversas empresas que operam em outras finalidades, a maioria delas ligada à logística marítima, especialmente ao transporte naval de grãos e contêineres. A atividade dos *surfistas* de *Madrugada* ocorre em frente ao terminal de grãos do Porto que, em grande maioria, opera no escoamento da safra de soja para diversos países, especialmente a China⁵. No contexto, a logística do transporte de grãos gera desperdícios imensos, derivados da má condição das estradas e da insuficiente malha ferroviária nacional⁶. No Brasil, em geral, é possível dizer que muitos desses grãos ficam pelo chão das rodovias, criando uma outra espécie de profissão — os catadores de soja. No caso do Porto de Rio Grande, a soja recolhida pelos catadores gerava, à época da pesquisa, um valor médio de 35 reais a cada saco de cinquenta quilogramas.

Apesar de constituir atividade informal, dois galpões do Porto de Rio Grande oficializaram a atividade tornando-a regular. Nesses espaços, o serviço é dotado de características comuns ao emprego formal contendo gestos, ritos e ritmos repetidos diariamente. No rol de atividades diárias, tanto no trabalho como na vida privada dos *surfistas*, de forma geral, pode ocorrer a sujeição a mecanismos de disciplina ditadas pelo dono do galpão que cobra dos trabalhadores um valor referente a “vaga”. No entanto, quando informal, trata-se de um trabalho realizado relativamente sem hierarquia e sem horário fixo. Qualquer pessoa pode também exercer a atividade, alugando essa “vaga” de um *surfista* fixo, como o caso do familiar já citado.

Como o trabalho apresentado no filme, pelo que se sabe, só existe naquele lugar e naquelas condições, a pesquisa foi realizada em visitas ao Porto de Rio Grande através de perguntas que seriam feitas e depois anotadas. O material inicial disponível era proveniente de reportagens da emissora de televisão local, mostrando os *surfistas* em um contexto sensacionalista, muitas vezes moralizando o trabalho dos mesmos como um ofício ilegal e, portanto, denunciando essa atividade através da matéria jornalística. Sobre isso, Oliveira pontua que

Mais especificamente, sobre os estivadores rio-grandinos, já que historicamente, a “zona portuária” é vista como um ambiente “de espaços e sujeitos pouco admirados pela sociedade: traficantes, jogadores, biscateiros, prostitutas, além dos próprios portuários, historicamente vistos como brutos” (2000, p. 2)

A primeira visita para o projeto do filme foi introdutória. Os diretores foram sozinhos ao local para apresentar suas intenções e realizar algumas perguntas básicas acerca da operação

⁵ Dados de exportação do Porto de Rio Grande:
<<https://www.fazcomex.com.br/blog/exportacoes-de-rio-grande/>>

⁶ Ver estudo LEITE; SOUZA (2016)

do dia-a-dia desse tipo de trabalho. O encontro foi realizado sem a presença de equipamentos audiovisuais. A aproximação sem câmera foi justificada por certa hostilidade que esse equipamento representaria para as pessoas. No final da visita, foi marcada um próximo encontro para a semana posterior. Nesse encontro, seria apresentado o local de trabalho e os outros *surfistas*. Na segunda visita passamos quatro horas conversando com os *surfistas* sobre o que fazíamos e como faríamos o possível filme, debatendo questões do processo e detalhando que o conteúdo do filme se distanciará do teor de uma matéria jornalística de denúncia, apresentando outros projetos que o coletivo realizou e qual público assistiria o produto final.

Os futuros atores aceitaram participar do filme, alguns com entusiasmo e querendo participar ativamente, outros sem tanta disponibilidade, perguntaram se haveria alguma remuneração pelo trabalho realizado. Como o projeto ainda não tinha financiamento, procuramos alguns editais de financiamento público para submeter o projeto. O dinheiro seria utilizado para pagamento de todos os membros da equipe, priorizando a remuneração dos atores que, ao abdicar do horário de serviço, teriam prejuízos maiores. Fomos contemplados no primeiro edital municipal de incentivo à cultura, chamado ProCultura, com um aporte de dez mil reais para execução do projeto.

Também nos foi indicado conversar com o dono do galpão onde trabalhavam os *surfistas* para explicar o projeto e pedir autorização para a participação no filme. Como o trabalho realizado não possui uma legislação legal, procuramos também uma consultoria jurídica para resguardar as pessoas que seriam gravadas e evitar qualquer tipo de danos aos atores.

Neste segundo encontro, conhecemos boa parte dos atores do filme: Daniel, Anderson, Bigode, Ludo e Alemão. Conhecemos um pouco de cada um com perguntas genéricas, como idade, bairro onde mora, filme preferido, time de futebol, quanto tempo trabalha nesse local, e ouvimos relatos de situações marcantes que vivenciaram realizando a profissão. Também, nesse dia, tivemos conhecimento mais aprofundado acerca do preparo físico, dos ganhos mensais, das estratégias, das formas de segurança pessoal e dos equipamentos que eram utilizados por eles.

Nesse dia, vivenciamos também a rotina de trabalho dos atores que começa quando uma mensagem enviada por funcionários da empresa ferroviária chega no celular dos *surfistas*, avisando que a locomotiva sairia do portão. Esses pegaram seus utensílios e foram em direção ao portão da fábrica. Essa atividade é denominada pelos *surfistas* como “leva”. Os equipamentos de serviço são confeccionados artesanalmente pelos *surfistas*: uma pá para

recolher a soja do fundo do trem, feita com uma garrafa de óleo cortada ao meio, acompanhada de outros sacos plásticos dentro de uma sacola de tecido com alças, vista na Figura 3. Tais utensílios dão mobilidade aos trabalhadores que precisavam das mãos livres para escalar o trem em movimento. Um dos *surfistas* leva consigo um saco com tampas de garrafa, numeradas de um ao seis para o sorteio da posição no “leva”, como visto na Figura 3. Quem estiver na frente da fila, fica em vantagem pegando o vagão com mais grãos, por isso o sorteio.



Figura 3 - Tampas utilizadas no sorteio e sacola de tecido utilizadas pelos *surfistas*

Fonte: Fotografias feitas pelo autor



Figura 4 - *Surfistas* batendo nos vagões para verificar os restos de soja a serem coletados

Fonte: Fotografias feitas pelo autor

Conforme vai ocorrendo a “leva”, os *surfistas* batem nos vagões e, pelo som, identificam os que potencialmente possuem mais grãos para a coleta. Foi relatado na pesquisa que a quantidade de “leva” possui variação ao longo das estações do ano. Durante a safra da soja, de maio até julho, concentra-se o período de maior movimentação de carga, logo, de maior rendimento para os *surfistas*. No restante do ano a carga diminui, substituindo-se a soja pelo milho, menos valoroso. Ainda na segunda visita, decidimos que o filme seria gravado no período da safra da soja e que iríamos lidar com acontecimentos ordinários, que dependiam de uma movimentação constante, a qual demandaria regravações de situações reais, como por exemplo, as cenas que envolviam as subidas nos vagões.



Figura 5 - Atividade dos *Surfistas* dentro do vagão

Fonte: Rebeca Francoff

Na terceira visita queríamos escutar histórias de trabalho próprias daquele ofício. Compreendemos que as situações que tinham apelo dramático, registradas através do relato oral dos *surfistas*, seriam utilizadas no roteiro que estava sendo escrito. Nesse momento já tínhamos criado uma certa intimidade com eles a ponto de fazer perguntas de cunho pessoal. Nas semanas seguintes realizamos outras visitas a fim de estabelecer um contato mais próximo com essas pessoas, dessa vez utilizando uma câmera digital para registrar alguns pontos específicos, como as atividades que eles realizavam entre os “levas”, como conversas particulares, jogos de futebol, partidas de videogame e cochilos entre atividades produtivas. De certa forma isso ocuparia grande parte do filme, já que a narrativa se desenvolveria a partir da relação entre esses trabalhadores, que criam essa sociabilidade nos tempos de descanso, seja através da “chacota” ou do jogo de futebol. Sobre isso Antunes observa que

a capacidade gestada na coletividade de converter situações de sofrimento em um jogo de chacotas e escárnio acabava por criar condições capazes de mascarar situações desfavoráveis e tecer entre os integrantes do grupo pactos de apoio subjetivo mútuo (2018, p.161).

O autor Richard Hoggart (1957) investiga a cultura das classes operárias de cidades britânicas, no contexto dos estudos culturais. Tal contexto, possui relação com o mundo do

trabalho e formação cultural da cidade do Rio Grande. Hoggart descreve sobre um determinado “jeito abrupto e realista de lidar com o mundo” proeminente das sujeições ao trabalho “pouco propício a delicadezas” e que se comunica “numa linguagem masculina, sintoma de uma sensibilidade embrutecida”. Foi esse o tom que queríamos alcançar na atuação e nos diálogos que seriam colocados no filme, por isso exercitamos a fala dos atores propondo a leitura de diálogos que eles já realizaram entre si, mas agora lido como um roteiro cinematográfico. Esse exercício auxiliou a prática da atuação, naquele momento eles teriam que atuar na frente de uma câmera com modulações realizadas pelos próprios diretores, como alterações no tom de voz, para onde olhar e as pausas que deveria constar na leitura do texto. A execução da reencenação serviria para determinadas cenas que necessitavam de uma encenação mais ficcional pois, em certa medida, estaríamos lidando com cenas planejadas e diálogos escritos para os mesmos, num jogo de cena que implica na atuação de si mesmo, tal como pode ser visto no trecho do roteiro abaixo:

INT. CARRO - NOITE

O retrovisor de um carro mostra DANIEL aproximando-se com um saco de soja cheio nas costas. DANIEL abre o porta-malas do carro colocando o saco cheio dentro. Ele fecha.

Outros homens chegam colocando outros sacos.

DANIEL
E o Fioti, não veio?

Ninguém responde e DANIEL fecha o porta-mala.

ALEMÃO
Deve tá vindo.

LUIS, CUNHADO e LECO caminham com sacos de soja nas costas.

DANIEL observa os arredores buscando avistar FIOTI.

Daniel liga o carro e dirige por uma região portuária.

Figura 6 - Trecho do Roteiro “Madrugada” I

INT. GALPÃO - NOITE

LECO coloca os GRÃOS do saco para pesar em uma balança analógica. Amarra e costura o saco jogando-o em um canto do galpão. CUNHADO coloca seu saco de soja em um monte.

Os homens chegam ao galpão com seus equipamentos.

DANIEL

O Fioti não veio com vocês?

LECO

Comigo ele não veio.

DANIEL vai até o carro fecha o porta-malas e tenta ver o outro lado da estrada.

Figura 7 - Trecho de Roteiro “Madrugada” II

Como a atividade é realizada em um ambiente externo, os *surfistas* são conhecidos por parte da população da cidade. O ofício chama a atenção por se tratar de uma atividade que provoca situações de risco: diversas ações de coleta podem levar a acidentes graves ou a morte. O equilíbrio e a habilidade de escalar são requisitos básicos para os *surfistas* e certas habilidades desenvolvidas e uma gama de conhecimentos práticos são repassados dos trabalhadores experientes aos inexperientes, como um treinamento. Uma das questões que incitaram a realização do filme foi a especificidade desse serviço, principalmente em relação à habilidade corporal dos trabalhadores que escalam o trem em movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto do trabalho consistiu num exercício propositivo para a reflexão que foi o relato da experiência sobre a prática cinematográfica, sobretudo as fases em que o estudo dispositiva, em processo de dar forma para o filme. É interessante observar os caminhos que o projeto foi tomando a partir desse contato com os atores, modificando o processo a partir dos encontros. Todas as escolhas criativas que buscam essa impressão de realismo envolvem a relação com o mundo filmado, seguindo a lógica do cinema neo-realista do mínimo a se acrescentar quando apontamos a câmera. Dentro das particularidades dessa, é preciso entender a dinâmica dos espaços a fim de deter um maior controle acerca da mise-en-scène. Essas observações foram moldando o filme até a montagem final. As escolhas foram realizadas

como recortes desse mundo, pela visão dos cineastas a partir de uma observação. Essas envolveram desde a escolha das paisagens até o *casting* na medida em que o filme se conectava com a cidade do Rio Grande/RS.

Refletir acerca de outras abordagens e outras maneiras de se fazer cinema dentro da Universidade possibilita que no processo detenhamos uma liberdade criativa maior em relação aos manuais de produção, que acabam seguindo o modelo do cinema clássico hollywoodiano. Encontrar outros modos de se fazer cinema na Universidade é essencial, tanto pela realidade distante do cinema independente brasileiro em relação ao cinema hegemônico quanto pela potência estética que esses modos possibilitam.

Essa reflexão também partiu de uma vontade de narrar os contos do interior do Rio Grande do Sul através do cinema. Ao longo da faculdade de cinema, sobretudo os projetos realizados em coletivo pela produtora Saturno Filmes, procuramos realizar projetos com modos de realização muito parecidos, buscando amadurecer essa linguagem ao longo da nossa trajetória. Em termos de temática, o desejo partia de uma falta de imaginário cinematográfico que essas cidades carregam, a escassez de recursos materiais e incentivo público a cultura local tornam a estrutura de se fazer cinema nessas cidades um desafio. Madrugada foi contemplado em dois editais públicos, sendo um deles o primeiro realizado na cidade do Rio Grande. Vale ressaltar que a organização desse conjunto de pessoas em prol de um tipo de cinema só foi possível graças ao encontro que a Universidade Pública proporcionou.

Da mesma forma, é interessante que o objeto da pesquisa seja abordado em outros trabalhos de conclusão de curso teórico (TCCT). Para prosseguimento da discussão sugiro a investigação acerca das diversas áreas da produção cinematográfica no âmbito universitário, visto que possuímos poucos relatos acerca do processo criativo como: direção de som, direção de arte, direção de fotografia e produção executiva. A proposta teria um caráter informativo ao mesmo tempo que registra os meios de produção como resultado da experiência pedagógica do regime de horizontalidade dos Cursos de Cinema da UFPEL.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** In: O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Chapecó/SC: Argos, 2009.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: O novo proletariado de serviço na era digital.** São Paulo/SP: Boitempo, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento.** São Paulo/SP: Edusp; Porto Alegre/RS: Zouk, 2011.

HOGGART, Richard. **The Uses of Literacy. Aspects of working-class life,** Londres: Chatto and Windus, 1957.

LEITE, Ana Caroline de Souza; SOUZA, Victor Bezerra. **O Desperdício no processo logístico da soja: Um estudo de caso no porto graneleiro de Porto Velho.** Porto Velho/RO: Centro Universitário São Lucas, 2016.

LONER, Beatriz. **Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930).** Pelotas/RS: Editora Universitária, 2001.

MARTINS, Solismar; PIMENTA, Margareth. **A constituição espacial de uma cidade portuária através dos ciclos produtivos industriais: o caso do município do Rio Grande (1874-1970).** Florianópolis/SC: Revista brasileira de estudos urbanos e regionais, 2004.

MIGLIORIN, Cezar. **Por um cinema pós-industrial: notas para um debate.** Revista Cinética, 2011. Disponível em: <<http://www.revistacinetica.com.br/cinemaposindustrial.htm>>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Carlos Alberto de. **Quem é do mar não enjoa: Memória e experiência de estivadores do Rio Grande/RS (1945- 1993).** São Paulo/RS: PUC, 2000.

PENAFRIA, Manuela. **Em busca do perfeito realismo.** Curitiba/PR: Revista tecnologia e sociedade, 2005.